

RESENHA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PESQUISAS, REPRESENTAÇÕES E PODER¹

VIANA, Gabriel Menezes²

Diniz - Pereira inicia seu livro com um resgate do que foi publicado sobre educação no Brasil de 1980 a 1995. Ele expõe o desenvolvimento do pensamento sobre formação docente em cada década, resgatando desde o pensamento do professor como *técnico em educação* (grifo do autor) dos anos 70 até a visão mais complexa dos anos 90 do *professor-pesquisador*.

Durante essa “viagem” por uma recente história, o autor expõe os temas que contribuíram para construção do pensamento sobre a formação docente em cada momento. Destaca-se a vinculação do caráter político da prática pedagógica e o compromisso do educador com as classes populares à profissão docente. Tem-se ainda a visão capitalista construída nos anos 80 sobre educação (educação igual à mercadoria) o que gerou a expansão da rede de ensino em detrimento de investimentos na área, a fragmentação do ensino diminuindo a autonomia do professor assim como o distanciamento do ensino nos cursos de formação docente com a realidade da profissão, acompanhada de uma isenção das universidades sobre o tema.

O autor expõe os vários problemas que surgiram para a profissão e que ainda resistem, tais como: os baixos salários dos professores, a falta de um plano de carreira e o baixo *status* acadêmico. Para concluir essa parte Diniz - Pereira destaca que as mudanças na forma de se pensar a formação de professores é lenta e complexa, e nem sempre implicam em grandes alterações, especificamente no caso das licenciaturas.

Numa segunda parte ele trata sobre, o que mesmo ironiza, de “velhos problemas, novas questões” (p.53) sobre a formação de professores nas licenciaturas.

Iniciando com um breve histórico sobre as licenciaturas no país, Diniz - Pereira relembra a, criticada, fórmula “3+1” de seus currículos, à criação das licenciaturas curtas e o início dos movimentos pela reformulação dos cursos de formação de educadores. O autor aponta os problemas das licenciaturas que mais destacaram em documentos e artigos: como o “tratamento diferenciado dispensado aos alunos do bacharelado e da licenciatura” (p. 57) e a dicotomia existente entre teoria e prática na formação dos licenciandos.

¹ DINIZ-PEREIRA, Júlio E., Formação de professores: Pesquisas, representações e poder. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. **E-mail:** gabriel_vianna@yahoo.com.br

² Mestrando em educação no programa de pós graduação em educação da FAE/UFMG.

Em seguida, traz as propostas que surgiram em possíveis *novos rumos* para as licenciaturas. Ainda que atitudes isoladas, o autor destaca os Fóruns de Licenciaturas, em que se discutia e sugeria reformulações nos cursos e que, por exemplo, rompeu com o modelo “3+1” em algumas instituições. Assim como a criação de Licenciaturas noturnas em universidades públicas como decisão governamental, que infelizmente não foi acompanhada por um comprometimento das universidades gerando, atualmente, “problemas de ordem política, material e pessoal” (p. 68).

Seguindo Diniz – Pereira traz a necessidade surgida na época para a pesquisa em ensino, a fim de se valorizar a formação dos professores. Traz também, a implementação das disciplinas integradoras (pedagógicas do conteúdo) que procuravam “superar a dicotomia existente entre as disciplinas pedagógicas e as específicas das Licenciaturas” (p. 70).

Encerrando essa parte, relembra a implementação da nova LDB em que se impôs a necessidade de repensar a formação docente no país. Para concluir, ressalta a visão técnica do professor que se tinha com o esquema “3+1” nos currículos das Licenciaturas, em contraposição com as atuais pesquisas em que se tem os saberes da docência como um conjunto complexo de conhecimentos. Desta forma o autor afirma que deve ser tratada a formação docente pelas instituições de modo a romper definitivamente com o modelo anterior.

Em um terceiro momento, Diniz - Pereira expõe uma pergunta em seu livro “quem são os alunos das licenciaturas?” (p. 77), e no intuito de responder a essa questão e de traçar um perfil dos alunos que optam por essa modalidade, ele descreve sua detalhada pesquisa feita em 1995 na UFMG, utilizando dados do relatório da Comissão Permanente do Vestibular (COPEVE) sobre os alunos aprovados no vestibular.

Nessa pesquisa o autor analisa vários aspectos dos aprovados no vestibular, entre eles: os cursos de *maior e menor prestígio* (com base na relação candidato/vaga) e a demanda nas matrículas nos cursos com modalidade Licenciatura; idade, natureza e período dos cursos de ensino médio dos aprovados no vestibular; renda, escolaridade e ocupação dos pais destes estudantes.

No decorrer dessa pesquisa ele nos mostra que o *status* dos cursos de Licenciatura é menor quando comparado a maioria dos outros cursos, e que o perfil dos futuros licenciandos é de pessoas que tiveram maiores dificuldades em seus estudos. Ou seja, estes cursos não são listados entre aqueles de maior prestígio havendo até uma diminuição na procura em 11 desses cursos, e os “alunos aprovados em geral tem mais idade e apresentaram uma trajetória escolar bem menos privilegiada do que aquela mostrada nos cursos mais disputados” (p. 96).

Concluindo a pesquisa Diniz – Pereira ressalta o fato de que os dados apontados vieram a confirmar, realmente, aquilo que muitos ao menos empiricamente já percebiam, porém ele destaca e chama atenção para a dimensão e a proporção dos problemas demonstrados ao longo do trabalho.

Com mais uma pergunta, “O que professores de um curso de Licenciatura pensam sobre o ensino” (p. 115), o autor segue com suas análises e discussões sobre o

curso em questão, agora sob os olhares dos professores universitários. Diniz - Pereira analisa as representações que estes professores vem construindo acerca de aspectos ligados ao ensino na busca de novidades para compreensão da formação inicial de professores no Brasil.

Utilizando um questionário encaminhado aos professores do curso de Ciências Biológicas da UFMG, contendo questões como: “O que você entende por ensinar?”; “O que você considera ser um bom professor” (p. 121) entre outras, o autor obteve respostas que puderam ser organizadas em cinco grandes grupos cada qual com suas representações acerca do ensino.

As representações dos grupos foram desde a simplista concepção do professor como *transmissor de conhecimento* e deste modo o ensino visto como um produto, até a mais complexa, do professor como “educador engajado em uma prática transformadora que procura desmistificar e questionar com o aluno a cultura dominante (...)” (p. 132). Nesta última o ensino é visto como um “fenômeno social que contribui para a formação ampla do aluno” (p. 131).

Diniz – Pereira encerra essa discussão relembrando que a visão tecnicista do professor (*transmissor de conhecimento, facilitador de aprendizagem*) junto a uma desvalorização do ensino à pesquisa, contribuiu para a construção do currículo das Licenciaturas que ainda persistem em universidades brasileiras. Desta forma na busca de um “pensar as Licenciaturas”, o autor ressalta que antes de tudo se deve existir ações práticas, “que ajudem a reconstruir tais imagens que hoje são sustentadas por determinados comportamentos que reforçam a dicotomização ensino/pesquisa” (p. 135).

Na última parte de seu livro o autor procura olhar a Licenciatura no intuito de compreender a situação atual de menor *status* (grifo do autor) acadêmico deste curso nas universidades e, das dificuldades de se implementar mudanças significativas nestes.

Sob uma perspectiva de Bourdieu, Diniz - Pereira destaca que o campo científico também é um lugar onde lutas concorrenciais são travadas em busca de um capital simbólico expresso em forma de reconhecimento, legitimidade e consagração.

Mais uma vez utilizando o curso de Ciências Biológicas como público alvo, o autor descreve a trajetória histórica deste curso na UFMG, desde a década de 30 com a criação da Faculdade de Filosofia e História Natural até o ano de conclusão de sua pesquisa (1995).

Neste histórico o autor traz os conflitos, as Leis, as disputa de interesses, a ênfase que se dava à pesquisa em relação à formação docente, a falta de recursos, os sucessos de atitudes isoladas e outros assuntos que influenciaram na construção do currículo do curso de Ciências Biológicas da UFMG. O que nos traz uma perspectiva interessante, pois é uma análise feita sobre a formação do currículo de um curso de graduação em que se leva em conta o contexto vivido por aqueles que o formaram.

Diniz – Pereira conclui suas discussões ressaltando para o fato de que a situação atual de menor *status* acadêmico da atividade de *ensino* em relação à *pesquisa* (grifos do autor) é “o reflexo das relações de força, das lutas e estratégias, dos

interesses e lucros estabelecidos no *campo universitário* brasileiro desde sua origem” (p. 158).

Deste modo o autor destaca que mudanças significativas nos cursos de Licenciatura não podem ser encaradas como “medidas simplistas e banalizadoras” (p. 158), além de que as universidades devem assumir a responsabilidade pela formação docente. No entanto, para que essas conquistas sejam possíveis, é fundamental uma maior valorização dos profissionais da educação.

São muitas as contribuições que esta pesquisa proporciona aos cursos de formação docente pelas discussões apresentadas. Assim, destaco a importância desta por apontar problemas que são evidentes, mas que ainda resistem, e por sugerir soluções que são possíveis.